



PARANGADINKRA: POTENCIALIDADES PRETAGÓGICAS, ENSINAMENTOS E FILOSOFIAS DE TRÊS ADINKRAS DO POVO AKAN EM GANA

Sandra Haydée Petit¹

Wagner Maycron Ventura²

Resumo: Nesse trabalho nos propomos a apresentar o *Parangadinkra*, um objeto estético-pedagógico que inventamos para envolver Universidade e Escola com as oralidades e filosofias africanas tradicionais, ainda pouco exploradas como fonte e produção de conhecimento nas escolas, quer seja por preconceito ou desconhecimento. Nos interessam mais particularmente os ideogramas ganenses chamados *adinkra* que transmitem valores ético-estéticos filosóficos do povo Akan em Gana. Com isso esperamos 1) mostrar que a linguagem desses símbolos tradicionais também faz parte do conceito amplo de oralidade de Hampâté Bâ, 2) que abre uma riqueza de possibilidades de uso didático educacional, que pode ser potencializada por afrorreferenciais como a Pretagogia.

Palavras-chave: Adinkra - Oralidades na escola; Pretagogia - Filosofias tradicionais Africanas (Akan).

PARANGADINKRA: PRETAGOGIC POTENCIALITIES, LEARNINGS AND PHILOSOPHIES OF THREE ADINKRAS OF AKAN PEOPLE IN GHANA

Abstract: In this paper we propose to present the *Parangadinkra*, an esthetical-pedagogic object which we invented to involve School and University in African oralities and traditional philosophies and oralities, still very seldom explored as source and production of knowledge, because of prejudice or ignorance. We have particular interest in ganeian ideograms called *adinkra* that transmit ethic-estetical and philosophic values of Akan people in Ghana. We thereby expect to 1) show that the language of these traditional symbols also make part of the great concept of orality of Hampâté Bâ, 2) that they show a wealth of possibilities of didactic educacional use, that can be enhanced by afroreferentials as Pretagogy.

Keywords: Adinkra – Oralities in school; *Pretagogy* (Pretagogia) – Traditional African Philosophies (Akan)

¹ Sandra Haydée Petit, Professora Doutora da FACED-UFC, Coordenadora do NACE- Núcleo das Africanidades Cearenses. E-mail: negapetit@gmail.com

² Wagner Maycron Ventura, Mestre em Educação pela UFC, Professor do Ensino Básico, Artista plástico. E-mail: wagnerventura75@gmail.com



PARANGADINKRA: POTENCIALIDADES *PRIETAGÓGICAS*, ENSEÑANZAS Y FILOSOFÍAS RELACIONADAS A TRES ADINKRAS DEL PUEBLO AKAN DE GANA

Resumen: En este artículo, nuestra propuesta es de presentar el Parangadinkra, objeto estético-pedagógico que inventamos para involucrar a la Universidad y la escuela en las oralidades y filosofías africanas tradicionales, todavía poco aprovechadas como fuentes y producción de conocimiento, debido a los prejuicios o desconocimientos. Nos interesa, sobretudo, los ideogramas ganenses llamados adinkras que transmiten valores y filosofías éticas e estéticas del Pueblo Akan de Ghana. Así, esperamos 1) mostrar que el lenguaje de los símbolos tradicionales africanos también hacen parte del concepto amplio de oralidade de Hampâté Bâ; 2) que esse lenguaje abre una riqueza de posibilidades de uso didáctico educacional que pueden ser potencializados por referenciales afro como la *Prietagogia* (Pretagogia).

Palabras clave: Adinkra – Oralidades en la escuela – *Prietagogia* (Pretagogia) – Filosofías Africanas tradicionales (Akan)

PARANGADINKRA: POTENCIALITÉS *PRÉTAGOGIQUES*, ENSEIGNEMENTS ET PHILOSOPHIES LIÉES À TROIS ADINKRAS DU PEUPLE AKAN AU GHANA

Résumé: Dans cette étude, nous proposons la présentation du Parangadinkra, un objet esthétique-pédagogique que nous avons inventé pour intégrer l'Université et l'école dans les oralités et philosophies africaines traditionnelles, encore très peu explorées en tant que sources et production de connaissance, du fait des préjugés ou des méconnaissances. Nous nous intéressons particulièrement aux idéogrammes ghanéens appelés adinkras qui transmettent des valeurs et des philosophies éthiques et esthétiques du peuple Akan du Ghana. Ainsi, nous espérons 1) montrer que le langage des symboles traditionnels africains font aussi partie du large concept d'oralité de Hampâté Bâ; 2) que ce langage ouvre une richesse de possibilités d'usages didactiques éducatifs qui peuvent être potentialisés par des référentiels afro tels que la *Prétagogie*.

Mots-clés: Adinkra – Oralités à l'école -*Prétagogie* (Pretagogia) – Philosophies Africanas traditionnelles (Akan)

INTRODUÇÃO

Sabemos que devemos a renomados filósofos europeus como Hume, Kant e Hegel a ideia de que o continente africano seria a-histórico, parado no tempo e incapaz de produzir conceitos filosóficos. Como nos lembra Adilbênia Freire Machado (2019), os Iluministas buscaram justificar a servidão de negras e negros durante séculos, asseverando a sua inferioridade, “Hegel (...) declarou a África como um papel em branco contra o qual se poderia comparar toda a razão (p. 90)”, silenciando e desconsiderando grandes feitos como a construção das pirâmides que se mantêm ao longo de vários



milênios e que “o calendário do Egito Antigo era mais exato que o calendário moderno e os hieróglifos egípcios e seus antecedentes são os primeiros sistemas de escrita” (MACHADO, 2019, p. 91).

Além da colonização e extermínio de centenas de etnias indígenas, o racismo supremacista justificou o desterro forçado de milhões de africanas e africanos para as Américas, gerando um sistema brutal de apagamento de tudo que pudesse testemunhar a sua condição humana, produzindo uma política de denegação e deturpação das histórias negras e indígenas milenares. Até hoje

a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Operam-se então, a naturalização do imaginário do invasor europeu e a própria negação e esquecimento de processos históricos não europeus (...) a repressão de outras formas não europeias de produção de conhecimento que negam o legal intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a ‘outra raça’(OLIVEIRA, 2018, p. 47/48).

Assim, conceitos como oralidade são desconhecidos para boa parte da Nação Brasileira. Como insiste Hampaté Bâ (2010), a oralidade não é a ausência de escrita e nem o uso da linguagem verbal, essa concepção reducionista das culturas africanas é equivocada. Ao contrário, trata-se de um outro sistema de vida, pensamento e construção do conhecimento, que ultrapassa de longe o domínio da escrita, e que é maior também em termos de anterioridade, pois temporalmente bem mais antiga. Mesmo na Europa, a alfabetização tornou-se central à vida em sociedade muito tardiamente, historicamente falando. Para Hampaté Bâ (2010), a oralidade milenar africana apresenta um complexo conceito de fala que envolve desde a força vital, dança/movimento, vibração do som, até a genealogia e o exercício de ofícios transmitidos de geração em geração. Integra de uma só vez filosofia, ética, estética, linguagem, ciência, saber e sabedoria, de forma fluída, sem fragmentações.

Em nossos estudos sobre oralidade africana, notamos que essas dimensões são transversalizadas pelo Corpo físico e simbólico (OLIVEIRA, 2006), criado pelo Divino, como parte dos seres fundantes da vida no planeta. Esse Corpo não se reduz ao ser humano, nem se centraliza nele, pois envolve todas as dimensões da Criação, em muitos mitos fundadores compreende Seres anteriores como a Mãe Natureza (animal, vegetal, mineral) seus elementos (terra, água, fogo, ar) e o Ser Cosmos. Para a etnia Dagara em



Burkina Fasso, a nossa relação com a Natureza é considerada indispensável para enfrentarmos os desafios da vida (SOMÉ, 2003), e por isso constitui um dos cinco elementos cultuados como energias fundantes à vida. A veneração e culto a todos esses seres que o Ocidente cristão considerou como práticas de idolatria, de fato atestam uma compreensão da interdependência de todas as fontes primárias de vida no planeta que por serem fundantes se tornam sagradas e divinizadas (BÂ, 2010; SANTOS, 2009; MACHADO, 2017). No que diz respeito às características do ser humano, este faz uso de seus cinco sentidos para produzir conhecimento, sempre perpassado de senso ético-estético e seu corpo é fundamentalmente um altar sagrado que se comunica com o invisível porque encontra-se sempre transitando em ambos os mundos, material e espiritual.

A educação do ser humano acontece preferencialmente mediante iniciação (SODRÉ, 2012), isto é, perpassada de espiritualidade, corporeidade/movimento, ritos de passagem, experiência, vivência, observação, transmissão intergeracional que respeita a senioridade (ao mais velho/a, experiente ou espiritualmente escolhido/a), temporalidade fluida e prolongada, troca de energia sensorial, transversalidade de ciências, saberes e linguagens. A fala não verbal das estampas e os ideogramas africanos, são, nesse contexto, um dos múltiplos legados da oralidade africana, e não apenas uma arte ou forma de embelezamento. Essa fala encontra-se na interseção da linguagem, filosofia, escritura, arte, história, geometria, comunicação e semiótica e por isso, muito tem a nos ensinar.

Nesse trabalho nos propomos a apresentar o *Parangadinkra*, um suporte artístico-pedagógico que inventamos para envolver Universidade e Ensino Básico com as filosofias africanas tradicionais e suas oralidades, ainda pouco exploradas como fonte de conhecimento nas escolas e Universidades do país, quer seja por preconceito ou desconhecimento. Nos interessam mais particularmente os ideogramas ganenses chamados *adinkra* que veiculam valores ético-estéticos do povo Akan em Gana. Com isso esperamos 1) mostrar que a linguagem desses símbolos tradicionais também faz parte do conceito amplo ético-filosófico de oralidade de Hampâté Bâ, 2) que abre uma riqueza de possibilidades de uso didático educacional, que pode ser potencializada por afrorreferenciais como a Pretagogia.

Após desenvolvidas as experiências com os parangadinkra, principalmente na escola, pelo referencial teórico metodológico Pretagogia e uso de alguns dos ideogramas dos quarenta e dois apresentados no livro *adinkra* (LARKIN NASCIMENTO; GÁ, 2009),

fomos descobrindo, não somente desdobramentos pedagógicos e conceitos operatórios do que denominamos produto didático, mas também, que os ensinamentos filosóficos e educacionais dos adinkra eram mais profundos do que imaginávamos, abrindo para novas possibilidades de investigação e criação pedagógica. Considerando a delimitação desse artigo, nos detemos nas contribuições que três parangadinkra ofereceram, com ênfase no segundo, enquanto equipamento pedagógico artesanal que potencializou e transversalizou matérias escolares como arte, história, geografia e língua portuguesa, produzindo diversos encantamentos, suscitando interesse e admiração de alunas e alunos pelas cosmovisões africanas e seu teor filosófico.

Para abordar nosso assunto, começamos explicitando de que se tratam os adinkra, como se originaram e o porquê da sua importância, o referencial pedagógico (princípios gerais e conceitos operatórios), e os antecedentes do parangadinkra. Em seguida tratamos do trabalho de africanidades na escola estudada e de que como surgiu o interesse pelos adinkra, transformados depois em parangadinkra a partir do primeiro que foi o SANKOFA de dois pássaros. Prosseguimos com o parangadinkra NYAME DUA, seus efeitos pedagógicos, e, de forma sucinta, o terceiro, o DUAFE, realizado numa oficina. Por fim concluímos com algumas análises ganenses complementares que levantam possíveis aprofundamentos da filosofia tradicional que perpassa os adinkra usados nas experiências citadas.

O QUE SÃO ADINKRA

Adinkra são ideogramas africanos com os quais convivemos no nosso cotidiano, muitas vezes sem nos aperceber, e uma das formas de escrituras negras que se situam no amplo espectro das tradições orais africanas.

Para Adjaottor, Appiah e Nartey, os adinkra são símbolos da ética-estética Akan, e sua espiritualidade tradicional. Mas são também um sistema de comunicação com uma concepção tipicamente Akan de competência comunicativa que envolve a prevalência da expressão não verbal sintética e o valor do verbo preciso contextualizado na circunstância também precisa:

Communicative competence is a communicative situation where a speaker knows what to say, where to say what he wants to say, whom to say what he wants to say to and how to say what he wants to say. Actions, they say, speak louder than words, so in the Akan- speaking

communities, a person who uses a lot of nonverbal cues and few words is considered a competent communicator³ (ADJAOTTOR, APPIAH E NARTEY, 2016, p. 25).

Essa concepção do que seja uma comunicação competente converge com as afirmações de BÂ que a palavra não é para ser deturpada nem desperdiçada, pois produz efeitos que podem ser desastrosos, dependendo da intencionalidade e semântica de quem as pronuncia. A palavra é energia de realização, mas não necessita do verbo para se expressar, nessa cosmovisão tudo fala. Nossos ancestrais africanos há milênios já entendiam o poder que emana de tudo que nossos sentidos produzem, e isso inclui os ideogramas e demais tipos de símbolos visuais. Certamente é o que explica termos tantos tipos de estampas nos mais diversos panos tradicionais ritualísticos em diferentes partes da África, como no *kente* ganense, *pano de pente* Bissau Guineense, *capulana* moçambicana, dentre tantos outros.

Os ideogramas adinkra estão ainda muito presentes no país de Gana, do qual tratamos aqui. Gana foi o nome de um império que durou do século III ao século XII. O termo Gana era o nome dado aos Reis e significava Guerreiro. No idioma Soninke da época o Império tinha como nome *Ouagadou Kaya Maghan*, O Senhor do Ouro. Na Independência de Gana, após colonização britânica, o seu primeiro presidente quis resgatar o nome de Gana pela grandeza passada de seu império.

Já sobre os adinkras, a professora-pesquisadora Eliane Fátima Boa Morte do Carmo conta-nos que:

Adinkra é um conjunto de ideogramas estampados principalmente em tecidos e adereços e esculpido em madeira ou em peças de ferro, como se fossem carimbos. Cada um dos símbolos possui um nome e significado que pode estar associado a um fato histórico, uma característica de um animal, a um vegetal ou a comportamento humano [...] Estes símbolos eram utilizados em cerimônias especiais e ocasiões formais. Foi uma arte relacionada com funerais, onde estes símbolos eram estampados, a mão, em roupas para transmitir uma mensagem de despedida ao falecido. A transliteração da palavra adinkra significa: 'uma mensagem que se dá a um outro ao sair' (CARMO, 2016, pp. 51-53).

O maior cultivador dos adinkra é o povo Akan da costa oeste africana (Costa da Guiné, em Gana, Costa do Marfim e Togo) do qual os Asante de Gana são a nação mais

³ A competência comunicativa é uma situação comunicativa onde o locutor sabe o que dizer, onde dizer, o que ele quer dizer, a quem dizer o que tem a dizer e como dizer o que tem a dizer. As ações, como dizem, falam mais alto que as palavras, assim nas comunidades de língua Akan, uma pessoa que usa muitas deixas não verbais e poucas palavras é considerada um comunicador competente (tradução nossa).

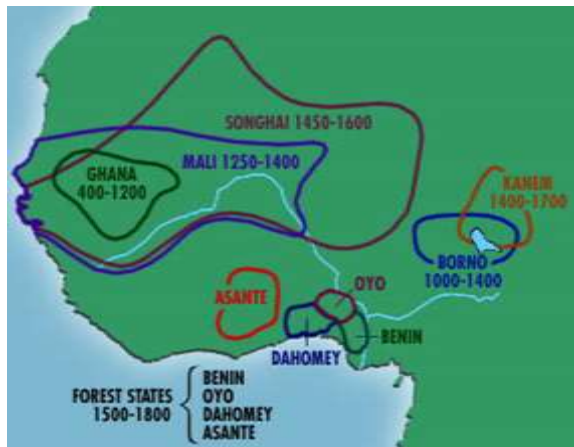


conhecida por essa tradição. Contextualizam Adjaottor, Appiah e Nartey (2016), que hoje o povo Akan é um tronco linguístico formado por oito grupos (ramo Kwa, da família Niger-Congo), a saber Fante, Akuapen, Asante, Bono, Wassa, Agona, Akyem e Kwahu, falados sobretudo na região Asante e partes do Leste e Oeste de Gana e usado por 49% da população ganense como primeira língua, e outro percentual de nações ganenses o tem como segunda língua, inclusive, em várias nações ganenses, o Akan é língua de instrução nas primeiras séries do ensino fundamental, além de ser o idioma comercial usado em todas as capitais dos estados, particularmente em Accra, capital do país, o que demonstra a sua importância em Gana.

Por volta de 1824, a nação Asante se tornou um dos mais poderosos estados da África Ocidental. A confederação controlava uma área de mais de cem mil milhas quadradas (aproximadamente 1.610 km²). O desenvolvimento de sua burocracia real deu ao povo Asante uma força administrativa que lhes permitiu manter a supremacia política nesta área por um longo tempo. [...]Um dos legados deste povo são os Adinkra (CARMO, idem. p. 51).

Vide mapas 1 e 2 abaixo:

Mapa 1 – Estados africanos da costa oeste: 1500 – 1800



Fonte: <http://historiandonocruzeiro.blogspot.com>. Acesso 21/12/2018.

Mapa 2 – Estados africanos modernos da costa oeste.



Fonte: <https://educacao.uol.com.br> . Acesso 21/12/2018.

Diz a história que a palavra Adinkra era inicialmente o nome do rei Kofi Adinkra de Gyaaman (da atual Costa do Marfim), que teve a audácia de copiar o *gwa*, o banco real que era do rei Asantehene e possuía enorme valor espiritual, sendo “símbolo da soberania e do poder do Estado. Assim provocou a ira do Asantehene, que foi à luta. Vencida a guerra, os asante dominaram a arte dos adinkra, passando a ampliar o espaço geográfico onde impunham sua presença” (NASCIMENTO e GÁ, 2020, pp. 21-22). Cada adinkra passa uma mensagem de conteúdo filosófico, educacional e espiritual. Para Elisa Larkin a riqueza desses ideogramas permite

recuperar a dignidade humana desses povos. (...) O conhecimento e o desenvolvimento permeiam a história da África, em sistemas de escrita, avanços tecnológicos, estados políticos organizados, tradições epistemológicas. Uma dessas tradições é o adinkra, conjunto estampado em tecido, esculpido em pesos de ouro, talhadas em peças de madeira anunciadoras de soberania (...) além dos hieróglifos egípcios, existem inúmeras escritas africanas antes da escrita árabe (LARKIN E GÁ, 2009, pp, 22-23)

A influência Akan no Brasil origina-se do desterro forçado das pessoas sequestradas ou vendidas na região do Golfo de Benim, que hoje compreende os povos ioruba, jêje, fons, ewê e fanti-ashanti, incluindo “as atuais repúblicas da Nigéria, Benim, Togo, Gana e Costa do Marfim” (MUNANGA, 2009, P. 92). Esses ancestrais nos legaram vários desses ideogramas em grades e gradis das nossas cidades (vide figura 1). Assim, no bairro de periferia de Fortaleza onde nós atuamos (Curió), é marcante a presença da

escrita adinkra no gradil das casas. Isso nos levou a realizar estudos com adinkra durante os anos de 2014 a 2018 com estudantes da referida escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Fortaleza. No bairro em questão, os estudantes identificaram significativa presença dos adinkra ASASE YE DURU (sacralidade da Mãe Terra) e SANKOFA (nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás). Os adinkra são encontráveis em qualquer cidade brasileira, pois com seu conhecimento das artesanias adinkra, ligadas aos ofícios correspondentes, os Akan deixaram marcadas simbologias, mensagens e filosofias presentes até hoje em móveis, residências e trens do Brasil. Assim, por exemplo, no estado de Minas Gerais, o transporte ferroviário de passageiros era feito, até meados da década de 90 do século passado, em vagões ornados de adinkra. O adinkra Sankofa estava presente nos gradis, portas, portões, sacadas e mesmo em mobílias confeccionadas pelos ferreiros ferroviários responsáveis pela instalação da malha férrea que liga Ponta de Área/BA a Belo Horizonte/MG. Abaixo, Sankofa em grade de vagão restaurante em Museu – imagem 1. Ao lado direito representação gráfica do mesmo adinkra, um dos mais comuns nos gradis das casas brasileiras – imagem 2. Fonte: (VENTURA, 2018).

Figura 1 e 2:



Fonte: VENTURA (2018).

ESCOLA

O trabalho de africanidades na escola que futuramente seria alvo da nossa pesquisa não iniciou com os adinkra e sim com nossas leituras de abordagens afroreferenciadas e de participação em oficinas que apresentaram experiências de investigação com influência sociopoética. Essas oficinas aconteceram num evento de formação sobre cosmovisão africana que acontece em Fortaleza. Lá vivenciamos também a abordagem de pesquisa e educação chamado sociopoética.

Na sociopoética, o grupo alvo da pesquisa se torna co-pesquisador que produz dados sobre um tema gerador. O grupo alvo é convidado a viajar pela imaginação por ocasião de oficinas onde se recorre a técnicas artísticas, corporais, ou linguagens metafóricas. Assim são produzidos *confetos*, - conceitos perpassados de afetos – analisados pelo pesquisador ou pesquisadora a frente da investigação. Assim se expressam o que o fundador da sociopoética Jacques Gauthier (1999) refere como “os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história”, isto é, expressões menos racionalizadas do pensamento do grupo, e por isso mesmo marcadas por multiplicidade e imprevisibilidade. Outros princípios da sociopoética são a relação de espiritualidade entre pesquisador/a e co-pesquisadoras/es (no sentido amplo de troca, valorização da diferença e escuta sensível) bem como a valorização dos referenciais de povos e categorias sociais não hegemônicas.

A cada planejamento de técnica sociopoética para as oficinas a pessoa facilitadora da pesquisa pode usar dispositivos já empregados ou criar novos. Na pesquisa de doutorado a sociopoeta Marta Gama (2014) inventou, como uma das técnicas, o *Parangolé da arte na formação do jurista*, ressignificando a obra estandarte criada pelo artista brasileiro Hélio Oiticica. Inspirado pela sua descoberta da escola de samba do morro da Mangueira em 1964, Oiticica cria os Parangolés que serão obras de diferentes cores, tamanhos e texturas que permitem ser vestidas e dançadas, e que só ganham existência quando da participação corporal, superando o conceito de arte a ser contemplada. Explica Marta Gama (2014: p.88): “o Parangolé convoca o espectador à experiência que agora abandona esse lugar, para ser um participador, sem o qual a obra não cria sentido, pois ‘o vestir’, sentido maior e total, contrapõe-se ao ‘assistir’, sentido secundário”.

Ao seu turno, Marta Gama influenciou outras ressignificações do Parangolé de Oiticica, não somente por sociopoetas, mas também por pesquisadoras pretagogas. Cláudia Oliveira da Silva⁴ e Maria Eliene Magalhães da Silva⁵ africanizaram o Parangolé, realizando uma ressignificação de panos tradicionais, respectivamente, do pano de pente Bissau guineense (que virou Parangolé Afroquilombola por acontecer no quilombo) e do pano moçambicano capulana (que foi denominado Rezadeiras Capulanas porque foram rezadeiras as co-pesquisadoras que a produziram). Também tivemos o Kente Pretagógico realizado por Sávvia Augusta Oliveira Régis⁶, a partir de uma recriação pintada por alunas e alunos da sua sala), todos eles produzidos pelas/os co-pesquisadoras/es, vestidos, desfilados e dançados por elas e eles com muita afirmação negra.

A pretagogia se irmana bastante com a sociopoética da qual é inicialmente um desdobramento, hoje autonomizado, mas que continua condizente com os princípios básicos da sociopoética. No entanto, difere marcadamente em seu objetivo específico e delimitação de referencial cultural, uma vez que a pretagogia, pode ser propiciadora de novos conceitos ou não, mas não é seu foco, sua preocupação maior é educacional, pois ela foi criada no contexto da implementação da Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade da história e cultura africana e afro-brasileira na escola. Mesmo não dependendo do marco legal para acontecer, a pretagogia se assume declaradamente interventiva e voltada particularmente para a divulgação, fortalecimento e afirmação das africanidades, buscando sempre a criação de dispositivos que permitam a vivência no ensino e na pesquisa de valores das cosmovisões africanas para apropriação do sentido de ancestralidade, mas também, de compreensão da história e de elementos de outras áreas de conhecimento que sejam relativos aos povos africanos e afrodiáspóricos. A pretagogia pode ser trabalhada com qualquer público e faixa etária que queira conhecer as africanidades do continente Mãe e demais assuntos correlatos à população negra do Brasil e de outros países da afrodiáspora, com embasamento nas cosmovisões desses povos.

⁴ OLIVEIRA da SILVA, Cláudia. Construindo o pertencimento afroquilombola através das contribuições da pretagogia no quilombo de Serra do Juá –Caucaia/CE/. Dissertação (mestrado) –Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

⁵ SILVA, Maria Eliene Magalhães da. Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. 206 f.

⁶ REGIS, Sávvia Augusta Oliveira. Pretagogizando a contação de histórias africanas e afro-brasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. 125f

A pretagogia nasce de inspirações interventivas concretas, particularmente realizando formação no quilombo. A pretagoga, Geranilde Costa e Silva (2019) explica o que é um referencial teórico-metodológico construído coletivamente amparado em nove princípios: “ 1) O autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como fonte espiritual, Corpo Memória e Corpo Ancestral, produtor de saberes; 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro”. Nos guia ainda a ideia de Norval Cruz que sugere o conceito de Corpo Comunidade que considera a relação pessoa-coletividade, ao dizer: há “também um corpo que se integra à comunidade e a considera corpo, uma vez que o que afeta um dos seus componentes afeta a todos “(CRUZ, 2009, p. 25).

Podemos sintetizar nossas buscas com o seguinte quadro de conceitos operatórios, que são aqueles que a Pretagogia privilegia trabalhar no seu referencial, operacionalizando-os mediante diversos dispositivos didático-pedagógicos embasados nas cosmopercepções africanas, vejamos:

Quadro - Conceitos operatórios e Aspectos operacionais possíveis de se lançar mão

| Conceitos operatórios | Aspectos operacionais |
|------------------------------|--|
| Pertencimento Afro | Vivências experimentações, interação, empatia, vivência de conexões, práticas corporais, práticas artístico-culturais, autobiografia (enraizamento), autoimagem, biografia comunitária, história da comunidade de pertença, simbologia do nome, ou apelido, senso de destino/propósito, narrativas familiares |
| Transversalidade | <ul style="list-style-type: none"> - Perpassa várias áreas de conhecimento evitando fragmentação - Admite e promove diversidade de linguagens/tecnologias: do corpo, da literatura oral, dos saberes e práticas da oralidade em geral - Construção do conhecimento mais circular do que linear - Capacidade de transitar nas coisas da vida, como na expressão “capoeira na roda, capoeira na vida” (com gingas esquivas, singularidade, astúcia e agilidade) - Produção didática pretagógica: traz valores da cosmovisão africana, favorece a autoria/coautoria/autoria coletiva, é criativo e inventivo, gera novos usos e fins pedagógicos podendo ser ressignificado para outros contextos. |
| Senso de comunidade | Todos os dispositivos de cooperação e fortalecimento da coletividade, o sentimento de Corpo Comunidade, formas de relação comunitária, festividades, eventos comunitários, comidas compartilhadas (inclusive culinárias realizadas em grupo) |
| Alacridade | Investimento pessoal e coletivo e intensidade no fomento à potência da alegria, da festa, do júbilo, o levar a sério a alegria, com dedicação |



| | |
|-----------------|---|
| Espiritualidade | Relação com o cosmos Sacralidade do Corpo, o Movimento como princípio de vida Falas da Oralidade (todas as formas de comunicação, inclusive semióticas, também o valor e prática do silêncio) Senhoridade (relação de respeito a ser mantida) A expressão do Corpo-Dança Afroancestral (Dança como comunicação com o Divino, agradecimento pela Vida e capacidade de mover-se) Cuidado consigo e com o outro, Corpo Comunidade Hospitalidade/receptividade/interação e integração do outro e da outra como renovação/ressignificação Oferenda: o aceitar dar e também o aceitar receber como agradecimento |
| Ancestralidade | Linhagem(ns): "biológica(s), simbólicas (ex: linhagem na capoeira), mítico-religiosas (ex: ancestrais orixás) de ofício(ex: rezadeiras, rendeiras e demais mestras e mestres da cultura), – relações de compadrio, pessoas referências - temporalidade circular/educação circular/iniciática-intergeracionalidade- simbologia, ritual, conexão espiritual – Corpo Memória |

Esse quadro não pretende ser exaustivo do que a Pretagogia pode desenvolver e certamente irá sendo aprofundado através de outras sistematizações das nossas experiências. Assim mesmo, permite perceber eixos do que a Pretagogia está construindo.

O TRABALHO PRETAGÓGICO EM SALA DE AULA 2014-2017

Como já referido o evento de formação Memórias de Baobá numa Praça de Fortaleza nos inspirou para a ideia de Parangolé, no sentido de algum pano construído coletivamente. Tivemos também contato com uma exposição-vivência no Espaço Cultural da Unifor, maior universidade particular de Fortaleza. No entanto a preocupação inicial foi a de buscar juntar a Pretagogia com o conteúdo de história no livro didático, já que atuávamos nessa área, bem como nas artes visuais. Para cada mês do ano letivo realizava um planejamento. Esse planejamento ora foi mais individual ora foi coletivo, com participação de professores de Português e de artes. Assim realizávamos os vários passos a seguir (grifamos abaixo a dimensão pretagógica):

O primeiro passo foi a realização de **autorretratos**. Esse trabalho trazia a referência à **autoidentificação** e identificação do outro. Ficavam em dupla e um fazia o desenho do rosto do outro, em seguida seu próprio. Havia uma resistência em se autorretratar, como muito ocorre em salas onde a maioria é preta ou parda, como no nosso caso. Existia uma falta de autoconfiança e medo de ser julgado. Sabemos que historicamente é raríssima a oportunidade de negras e negros se verem e se valorizarem como pessoas. Dos quatro retratos da dupla deviam ser apresentados dois, revelando seu



fenótipo e algumas características deles. Logo passavam a se juntar duas duplas, formando assim 4 pessoas. O quarteto tinha de escolher narrar a **história de vida – real ou inventada** – de um dos 8 personagens que tinham em mãos. Essa história devia fazer relação com no mínimo **dois elementos identificadores das afro-brasilidades** (oficina sobre esses identificadores já havíamos participado no já referido evento de formação). Em seguida, se juntavam dois quartetos que deviam escolher narrar as histórias de 4 personagens (auto)retratados, de novo associando com seus identificadores afro-brasileiros, trazendo detalhes sobre o contexto onde moravam. Esse exercício permitiu tratar do conceito **Pertencimento Afro**. Na sequência trabalhávamos com a temática do livro de história *O que é história?*. No entanto isso era associado ao envolvimento de cada um e cada uma, com a pergunta colocada primeiro individualmente, depois em subgrupo: Qual a história mais importante para você estudar e aprender? Alguns já captavam as entrelinhas e respondiam “**a minha história**, pois se eu não estiver vivo, como vou fazer história?” questionou um aluno.

O tempo fragmentado das aulas não permitia envolver alunas e alunos o suficiente. Foi então realizado um grupo de voluntários no contraturno chamado Africanidades que colaborava com o planejamento das atividades em sala, preparando material, realizando pesquisas na internet e em livros. Cuidavam de **levantar imagens**, buscar **músicas** relacionadas aos **temas geradores** nos quais também tinha interferência. Sob a orientação dos docentes foram preparadas atividades extra sala de aula como o **Carnaval Mama África**. Para esse Carnaval por exemplo, cada subgrupo de alunos escolheu pesquisar algum carnaval das **Afroaméricas**, como o cubano, o haitiano, o jamaicano, o colombiano, o de Trindade, Uruguai, dentre outros. Em outro ano letivo o estudo relativo ao Carnaval foi acerca da vida e arte de **Chiquinha Gonzaga**, onde os subtemas também foram distribuídos. Ainda no Carnaval subsequente o tema foi **escola de samba**, e cada subgrupo organizou, com o apoio do contraturno e seus ensaios, a sua escola de samba para apresentação em desfile. Na festividade cada subgrupo organizado levava sua apresentação, envolvendo diversas linguagens como teatro, dança, canto, literatura, artes visuais. Havia uma interação entre as salas de aulas do sexto e sétimo ano e o grupo de Voluntários Africanidades que se encontrava uma vez por semana no dia de planejamento daqueles professores envolvidos, e assim acontecia uma **co-participação intensa** dos voluntários na elaboração dos subsídios às aulas, muitos desses alunos participaram mais de um ano, e até três anos. O clima desses momentos era ameno, **de cooperação** e



criatividade, fortalecendo o **senso de afirmação**, o **respeito e laços afetivos de cuidados** de uns para com os outros, o **espírito comunitário**. A **circularidade** era a tônica, na própria estrutura de cantinhos preparados em roda, chamados de **estações de aprendizagem**, conforme incentivado pela Pretagogia. O **conhecimento era transversalizado** entre as matérias, mas também entre a História oficial, a História do bairro com ênfase nas **pessoas de referência** para a comunidade, e a história autobiográfica de cada um. Acontecia um trânsito entre linguagens de letramento, com diversos gêneros de escritura, leitura, pesquisa virtual, vivências corporais e elaboração de símbolos, artesanatos, desenhos e pinturas.

No mês de março o tema do livro didático de história era retomado, tratando-se então da História do Ceará. Era direcionada para comportar também as e os **protagonistas afrodescendentes** com o tema por exemplo, da Abolição no Ceará que aconteceu 4 anos antes do que a nacional. Conseguíamos ônibus da Prefeitura para ter aula de campo no Museu do Ceará. Era impressionante o desconhecimento do alunado acerca da própria história local, principalmente no que tange aos personagens negros. Numa sala de 35 alunos, raramente haveria mais de dois alunos podendo responder às perguntas: Quem foi Dragão do Mar? (esse nome era remetido apenas ao Espaço Cultural de Fortaleza que leva o nome desse jangadeiro que liderava o movimento que desembarcava as pessoas escravizadas que seriam enviadas para outros portos do Brasil, mesmo contrariando a lei que já proibía o tráfico inter regional). Expressões conhecidas como Ceará Terra da Luz eram atribuídas ao fato de o Ceará ser ensolarado, e não à luta precoce pela Abolição. Outros temas, sempre trazidos na forma de pergunta foram: O que é civilização? O que é ser civilizado? Essas temáticas foram trabalhadas das mais diversas formas, sempre fazendo uso da **literatura oral**, como as rimas mas também as artes visuais como desenho, e na geografia, mapas e gráficos.

Na sala de aula, o procedimento metodológico enfatizava a roda de conversa no grupão e no subgrupo, os depoimentos escritos, a poética, o desenho. Perto do mês de novembro, o alunado envolvido se preparava para realizar e participar de oficinas no referido evento de formação, que acontecia numa Praça Pública e dessa forma também produzia um Corpo aprendente e realizador mais livre, em contato com a natureza que tinha na Praça, suas árvores, com destaque para um Baobá.

As avaliações de fim de ano eram realizadas por escrito e trazendo os identificadores das afro-brasilidades percebidas ao longo do semestre. Era possível ter

validada a participação do grupo extraclasse Africanidades e muitos optavam por essa avaliação. Eram convidadas pessoas recurso da comunidade de entorno como Seu Barroso, um patriarca do bairro. Havia também a realização de uma grande festa, a Afrofest.

DOS ADINKRA ATÉ O PARANGADINKRA

Após contato com os **adinkra** na Universidade, em aula sobre cosmovisão africana surgiu a ideia de ter o adinkra como linguagem simbólica agregadora dos trabalhos realizados. Primeiro eram distribuídos os adinkra entre alunas e alunos com seus significados conhecidos na forma de expressão nomeadora ou provérbio. Cada aprendiz escolhia um adinkra com o qual se identificava e explicitava por quê. Em seguida se juntavam em subgrupos e cada grupo escolhia um adinkra identificador dele, também justificando. Por fim criavam outro adinkra e sua mensagem ético-filosófica, em linguagem muitas vezes metafórica. Saíam em aula de campo para identificar em subgrupos os adinkra do bairro, os desenhavam e fotografavam. E terminava com mais rodas de conversa e depoimentos escritos. Com o grupo de voluntários Africanidades surgiu então a ideia de juntar todos os materiais num suporte artístico-pedagógico que seria o próprio símbolo adinkra. As referências eram os adinkra pesquisados pelas/os estudantes na Internet, impressos ou desenhados pelas/os próprias/os, bem como o conteúdo da obra de Elisa Larkin Nascimento e Gá, (2009). Ao tempo em que apreciavam e liam os adinkras, os estudantes eram instigados a indicar neles aspectos estéticos e filosóficos com os quais se identificavam individualmente e coletivamente. O primeiro a ser escolhido no planejamento do grupo foi o Sankofa (Vide figura 2 abaixo). Na verdade, foram desenhados dois sankofas pelo professor que é artista plástico co-autor desse texto e idealizador da experiência na escola. O Parangadinkra Sankofa estruturalmente tem como suporte duas facetas que se abrem como um livro e apresenta uma pintura em técnica mista sob papelão (vide abaixo).

**Figura 5:**

Fonte: Acervo Wagner Ventura, 2018

Junto com os trabalhos realizados durante os três últimos anos desse projeto encontravam-se escritas-estético-corpóreas, que foram para o suporte adinkra ao qual demos o nome de parangadinkra. Esses surgiram para nós como meio de romper com o ciclo de dominação hegemônico, sistêmico e racista que envolve a produção das nossas subjetividades. “Devemos libertar nossas mentes e corações, gerando uma libertação para ‘não brancos’, ‘pretos’ e brancos’, (...) por meio de uma educação antirracista e contra-hegemônica que deve ser incorporada ao currículo das escolas” (LINO VIDEIRA; FERREIRA VIEIRA; VASCONCELOS; 2019, pp. 164/165).

O parangadinkra se revelou um produto didático⁷ que metaforizou o Parangolé, pois mesmo não portando-o no corpo, nos veste e desveste, se desdobra e redobra-se como suporte artístico onde podemos desorganizar modelos para reorganizar sentidos. Os parangadinkra realizados desde então se tornaram sínteses da nossa experiência estético-didática-histórica. A cor pode ultrapassar o quadro, constatava Hélio Oiticica ao falar do Parangolé, aqui os conhecimentos-sentimentos produzidos coletivamente ultrapassam o livro, sendo também mais uma forma possível de exercitar a busca de autoconhecimento e conhecimentos sobre as experiências afro no mundo e as nossas afro-brasileiras. Isto porque propicia através da **experiência estética**, o (re)conhecer-se na criação, no que fazemos. (ELUARD, 2010).

O parangadinkra é um produto didático multifacetado em suas aplicabilidades pedagógicas. De forma que pode, como um parangolé, se movimentar entre corpos e, ao mesmo tempo, ser um repouso, como livro-arquivo vivo. Vivo porque acolhe nossas manifestações como educandas/os e educadoras/es que conseguem redescobrir-fortalecer

⁷ Necessário explicar que “chamamos produto didático algo que é construído coletivamente, como resultado da intervenção pedagógica e que envolve os seus sujeitos como autores(as), de modo criativo, participativo, democrático e interativo, visando apoiar didaticamente as aulas dos(as) professores(as), sempre numa perspectiva de dinamicidade” (SILVA, 2014, p. 28).



nossas Africanidades em gestos-fazeres simples. É um produto didático que em sua manipulação tem implícito um fundamento das nossas Africanidades, **o corpo**. Tanto para construí-lo, como ao lê-lo ele opera com o corpo em movimento. E o corpo sente. Sente e comunica em coletividade, no chão em que pisamos. A mesa, a cadeira, a carteira, fazem nosso corpo falar, gemer e até gritar. Já o nosso corpo lê-dança ao chão com os parangadinkras, o chão é o seu lugar de leitura. No chão rola e desenrola-se o corpo parangadinkra. O **Sankofa** foi o primeiro da **família parangadinkra**. Nós o fizemos juntos com as/os colegas de estudos de um componente disciplinar do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFC.

Ao propormos para nosso coletivo a apresentação de uma produção didática inspirada no adinkra Sankofa, realizamos uma forma de pensar-sentir como o pássaro adinkra que “**Nunca é tarde para voltar e pegar o que ficou para trás.**” Nunca é tarde para conseguir fixar nossos marcos referenciais históricos. Assim, concebemos o parangadinkra Sankofa na escola com o grupo Africanidades, mas o levamos para a Universidade como sugestão de sistematização e avaliação final dos aprendizados em três componentes curriculares: Movimentos Sociais, educação popular e escola, na pós graduação, Cosmovisão Africana, na graduação e Educação no Ceará, também na graduação. Esses eram componentes que estávamos juntos, um de nós como professora e o outro como monitor da pós graduação para materializar artisticamente as sistematizações que realizamos nos estudos relativos a esses componentes curriculares na UFC. Foi uma oportunidade de buscar, através da inspiração artística pictórica, o fazer comunitário como uma forma de produção de conhecimentos, sentidos e saberes válidos nos espaços da academia e na educação básica, interligando alunado da escola e da Universidade.

Nosso **primeiro passo** para a concepção do Parangadinkra Sankofa foi o conagraçamento da inspiração ao coletivo. O primeiro impacto notável neste momento foi o de deslocamento, estranhamento, de crises para a maioria do coletivo – o que para nós em si representa um aspecto positivo. No **segundo passo** concebemos o formato da produção didática. para acolher os estudos, as pesquisas, e sobretudo as expressões estéticas daquele coletivo. O **terceiro passo** foi expormos ao coletivo o objeto artístico pintado sobre papelão. Nas várias cores da pintura a representação pictórica de dois Sankofas como dois guardiões das histórias, memórias, conhecimentos, saberes, sentimentos e sensações produzidos com os estudantes de pós-graduação coautores e

coautoras. Nosso **quarto passo** foi a própria produção e conagraçamento de conhecimentos e afetos através de versos, desenhos, textos escritos para sistematizar as pesquisas feitas pelos grupos de trabalho sobre as histórias dos movimentos populares negros e indígenas, para além dos marcos temporais dos anos 1970, sugeridos pelos autores que estipulam seu início nesse período pois buscamos a maior circularidade possível dos tempos, considerando que havia movimentos sociais e educação popular muito antes desses termos serem cunhados no século XX. Nosso **quinto passo** foi a composição de toda a produção didática dos grupos de trabalho no suporte de papelão pintado de forma para acolhê-los. Para isto todas as produções foram dobradas e redobradas de forma sanfonada e foram arranjadas nas abas internas do Parangadinkra Sankofa.

As reflexões coletivas, as expressões afro-afetivas, materializadas através das linguagens visuais – desenho, pintura, grafismos e colagens – das/os estudantes das duas turmas mencionadas compõem o ‘miolo’ do parangadinkra Sankofa. No seu interior, o arranjo de todo o conteúdo é feito através do sanfonamento, dobraduras das escrevivências, impressões e/ou sínteses de estudos, e criações-produções didáticas afrorreferenciadas – figuras 6, 7 e 8.

Figura 6 e 7: Detalhe de sanfonamento do Parangadinkra Sankofa



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 8: Ao chão, Parangadinkra Sankofa com sanfonamentos de criações-produções didáticas de estudantes do curso de graduação em Pedagogia/UFC.



Fonte: Acervo dos autores. 2018.

Figura 9 e 10: Na sequência, estudantes de graduação em Pedagogia produzem e criaram em Estações de Aprendizagem afroreferenciados por identificadores das africanidades e pelos Adinkra



Fonte: Acervo Wagner Ventura. 2018.

Nesta interação com as/os graduandas/os em Pedagogia da FACED às estações de aprendizagem e sistematizações produzidas pelas estudantes do Projeto de Africanidades em uma Escola Municipal da periferia de Fortaleza permitiram uma circularidade entre espaço escolar e universitário, derrubando as barreiras burocráticas e disciplinares que separam esses segmentos.

PARANGADINKRA NYAME DUA

O Nyame Dua (A árvore ou o altar de Deus – símbolo da presença de Deus e de sua proteção), foi concebido inicialmente para operacionalizar as aulas de História na referida Escola Municipal de Ensino Fundamental do bairro Curió de Fortaleza. **Primeiro passo** – Envolveu o auto-encontro espiritual do professor co-autor deste artigo. A opção pelo Nyame Dua como seu adinkra referenciou seu ser-estar no cosmos. Ele revelou que eram constantes as interpelações, curiosidades dos estudantes da escola do Curió sobre sua religiosidade devido a sua abordagem afrorreferenciada nas aulas de História e Artes e o desenvolvimento do Projeto Africanidades. O parangadinkra Nyame Dua permitiu que o professor expressasse sua espiritualidade, na hora de justificar aos seus estudantes a sua escolha daquele adinkra, como sendo representativo para seu percurso de vida. O **segundo passo** na criação do parangadinkra Nyame Dua foi a preparação do suporte artístico, para isso utilizamos a colagem de adinkra sobre papel com capa de proteção externa. Os adinkra para a capa de proteção externa e as capas de proteção internas deste Parangadinkra foram escolhidos pelo professor colega e pelos estudantes do Projeto Africanidades por terem sido os ideogramas mais escolhidos pelas/os estudantes nas interações com adinkra na sala de aula e, no próprio projeto. Cada cópia impressa dos adinkra escolhidos, em folhas formato A4, foi preparada por nós com envernização. Ao todo, oito impressos trazendo os símbolos e os seus sentidos.

Foram eles: **Sankofa**; **Ananse Ntontan**, “A teia da aranha... Símbolo da sabedoria, esperteza, criatividade e da complexidade da vida”; **Dwenini Mmen**, “O carneiro, ao atacar, não deve fazê-lo com os chifres e sim com o coração... Símbolo da humildade e da força da mente do corpo e da alma que ensina ...A luta não pode se basear na arrogância”; **Asase ye Duru**, “A terra é mais pesada que o mar... Símbolo da orientação e da proteção divinas e da sacralidade da Mãe Terra.; **Funtummireku Denkyemireku**, “nosso crocodilo duplo, um símbolo Adinkra que significa unidade na diversidade, democracia, a unidade da humanidade na diversidade cultural” (MACHADO, 2019, p. 37).

No **Terceiro passo**, escolhemos com as/os estudantes do Projeto Africanidades didáticas realizadas pelas/os estudantes durante os anos de 2013 à 2015. No **quarto** e finalizador fizemos a disposição dos conteúdos produzidos no interior das dobraduras do parangadinkra. Alguns chegaram a mais de cinco metros.

Figura 12 e 13: O parangandinkra Nyame Dua, dimensões fechado 420 x 594 mm -



figura 12. Dimensões na primeira abertura: 820 x 1188 mm – figura 13. Na capa e contracapa mostradas na figura 13 o Nyame Dua desenhado à carvão.



Ao abrir a capa do Nyame Dua, na face direita estendem-se quatro caminhos em dobraduras de papel de seda – figura 14. Desdobrado os papéis de seda, em cruz, abrem-se quatro fractais que compõem o desenho a carvão. Nas faces-fractais os cinco Adinkras que já mencionamos distribuídos em dezesseis quadros. Dos dezesseis quadros, oito quadros de Adinkra guardam 4 caminhos interativos nos quais conteúdos dos componentes escolares do 6º ano da educação básica (Artes, História, Ciências Naturais, Religião, Língua Portuguesa e Literatura) estão transversalizados em sanfonamentos – figura 15.

Figura 14 e 15



Da terceira desdobra em diante abrem-se os quatro caminhos interativos por trás dos Adinkra referenciais que acolhem os conteúdos, o miolo do nosso livro-arquivo - **Ananse Ntontan, Dwenini Mmen, Asase ye Duru, Funtummireku Denkyemmireku** – figuras 16 e 17.

Na **figura 15 e 16** uma Estação de Aprendizagem com **parangadinkra Nyame Dua**. No primeiro plano da foto estudantes do ensino fundamental fazem leituras interativas no parangadinkra Nyame Dua. Este parangadinkra passou a ser fonte pesquisa de representações gráficas, pesquisas e produções de temas transversalizados no ensino de História: História do lugar; povoamento das Américas; lutas abolicionistas; festas e



manifestações de resistência negras (com relevância para as lutas no Ceará); História de vida do Professor de História e de ex-estudantes dos anos de 2013, 2014 e 2015.

Figura 16 e 17: Abrem-se fotos, mapas, desenhos, textos autorais, momentos e sentimentos acolhidos no interior do parangadinkra Nyame Dua transversalizados com temas de estudos realizados ao longo de três anos de produção didática referenciadas no senso afrocomunitário



Fonte: Acervo dos autores.


Dos parangadinkra Sankofa e Nyame Dua, germinou uma crescente família de parangadinkra. Durante os meses de abril a junho de 2018 vivenciamos os últimos mutirões artísticos para criações-produções de parangadinkra que canalizavam a energia vital das/dos estudantes da referida escola para transitar por outros tempos-lugares fora dos muros da escola e dos próprios limites da cidade.

Figura 18 e 19: Mutirões artísticos para criação e produção de Parangadinkra. Na figura 19 uma estudante realiza processo de criação do Parangadinkra Duafe.



Fonte: Acervo dos autores.

O PARANGADINKRA  DUAFE

O arangadinkra  Duafe – o pente de madeira – concebemos em coautoria com um grupo de meninas inspiradas no fortalecimento da memória e imagem da educadora



afrobrasileira Terezinha Parente que foi protagonista da escola em que atuamos que carrega o nome dela. O coletivo de 5 meninas do Projeto de Africanidades, o escolheu por simbolizar valores das mulheres negras. O seu suporte artístico, após preparado, foi levado juntamente com outros suportes para servirem como recursos didáticos na oficina **parangadinkra: Criação didática Afrorreferenciada** realizada em um dos maiores eventos Acadêmicos voltado para as Africanidades no Norte e Nordeste brasileiro, o já citado evento na Praça pública.

Realizado no Centro de Fortaleza, no referido evento nos congregamos: estudantes do Ensino Fundamental, professores, coordenadores pedagógicos de diversas escolas e estudantes universitários. Deste congregar chegamos à produção do parangadinkra Duafe cujo suporte artístico acolheu as sistematizações dos grupos de trabalho formados na referida oficina – figura 20.

Figura 20: Na figura 20, ao chão da referida Praça de Fortaleza o suporte artístico para a produção do parangadinkra Duafe.



Fonte: autores.

Além dos identificadores das Africanidades, e outros recursos didáticos já mencionados neste texto, o Parangadinkra Nyame Dua nos felicitou ao propiciar a **intergeracionalidade**. A presença de meninas/os do Projeto de Africanidades ao qual já nos referimos como **coautoras** que operacionalizaram conosco os processos criativos imbricados na produção didática afrorreferenciada na Pretagogia e em outras formas de pensar-fazer inspiradas nas cosmovisões africanas – figuras 21, 22 e 23 e 24 foi muito importante.

Figura 21 e 22:



Figura 22 e 23:



Silva (2014, p. 16) nos sensibiliza para a necessidade da intergeracionalidade, comuns nas formas de filosofar africanas como um elemento ativo no desenvolvimento da pessoa: “As filosofias africanas tradicionais atribuem grande importância à interação entre as faixas etárias, porque, assim garante-se perpetuação dos costumes e tradições dos povos. No nosso caso é fundamental que as crianças estejam interagindo para melhor alcance dos conhecimentos e das informações”.

PALAVRAS FINAIS OU O INÍCIO DE OUTRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GANENSES SOBRE OS SIGNIFICADOS ÉTICO- FILOSÓFICOS DOS ADINKRA

Ao finalizar essas experiências realizadas na escola Terezinha Parente no bairro Curió, fizemos novas descobertas acerca dos sentidos dos adinkra em geral, e, em particular dos três escolhidos para compor parangadinkras. Essas descobertas não puderam ainda ser aproveitadas em novas experiências na escola ou na Universidade pois foram muito recentes e os textos de referência estão em inglês, escritos por estudiosos e estudiosas ganenses, o que nos sugeriu que há bem mais a ser explorado sobre adinkra e seus significados filosóficos. Esses se cruzam com estudos relativos a ecologia e meio



ambiente e seus possíveis ensinamentos na escola, também com a matemática, como já temos aqui no Brasil. Mas também interessa os que trabalham materiais como têxteis, madeira, ouro, pano e barro, jóias, na expectativa de realização de artesanias tradicionais ou contemporâneas, comércio ou formas de economia solidária. Outros trabalhos podem se preocupar pela sobrevivência dos ofícios ligados ao processo tradicional de fabricação desses artesanatos, como por exemplo o tingimento dos panos. São muitas as possibilidades de ciências vislumbradas, mas as mais importantes a nosso ver são as inter-relações com as filosofias ancestrais que perpassam os adinkra.

Encontramos entre autores e autoras consultados a preocupação com a sobrevivência dos valores e práticas ancestrais veiculadas pelos adinkra. Iremos aqui no deter em particular no artigo de Adjaottor, Appiah e Nartey (2016) que estuda as mensagens filosóficas comunicadas pelos adinkra e o fato de que Gana está segundo eles se distanciando muito rapidamente do conhecimento de seus ensinamentos. Consideram a inferência que os adinkra deveriam ter sobre as modernas teorias de comunicação e semiótica, geralmente eurocêntricas e que pouco tratam do sentido da palavra como parte do sistema amplo e profundo da oralidade. Assim, não valorizam o suficiente as linguagens simbólicas como comunicação de mensagens ético-filosóficas. Os estudos de religião precisam também incorporar o sistema tradicional no leque de análise, e não apenas as religiões cristãs e muçulmana hegemônicas. Notamos na perspectiva desses autores a possibilidade de convivência entre o pertencimento religioso muçulmano ou cristão e o chamado culto tradicional milenar, geralmente muito mais antigo.

Os referidos autores advogam pela manutenção desse sistema adinkra como comunicação entre famílias e clãs em prol da paz e redução de conflitos: “The Akans have a conviction which is shared by many speech communities (...) The more a person uses words to communicate, the more he directly or indirectly offends people”. (Adjaottor, Appiah e Nartey, 2016. P. 25) (= Os Akans, como também muitas outras comunidades de linguagem estão convictas de uma coisa. Quanto mais uma pessoa usa palavras para se comunicar, mais tende a ofender direta ou indiretamente as pessoas. Tradução nossa). A importância da comunicação não verbal que os adinkra fazem parte, é de grande importância, segundo eles, tanto nas casas, como nas florestas e nos interiores, em época de guerra, por exemplo, pois evitam os acidentes que as palavras pronunciadas a toa ou em excesso podem ocasionar: “The Akan proverb *ɔbanyansaniyeɓu no benayenkano asem* (a word to a wise is enough) portrays the Akans admiration of using fewer words when



communicating” (= O provérbio Akan *ɔbanyansaniyebu* no *benayenkano asem* (uma palavra é sabedoria suficiente) retrata a admiração que os Akans têm pelo uso do menor número de palavras ao se comunicarem. Tradução nossa) (Adjaottor, Appiah e Nartey, 2016. P. 25). Esse provérbio lembra o brasileiro *Pra bom entendedor uma palavra basta*.

Assim, As roupas e suas estampas ou estilos, podem expressar sentimentos de uma pessoa para com a outra ou da sua relação com a comunidade. As estampas mandam recados, segundo a sua configuração, inclusive entre rivais, evitando o conflito aberto mas expressando seu pensamento, como nas expressões “Deus proverá”, “Um pote vazio é que faz mais barulho”, “joias valiosas não fazem barulho”. Vejamos o que nos dizem sobre os três adinkra que escolhemos:

- **Sankofa:** Significa volta para pegar o que deixou. Simbolicamente traz a sabedoria dos mais velhos, e a admiração que os Akan nutrem pela sua história. Akans acreditam que há ensinamentos importantes a aprender com os antepassados e que servem ainda hoje. Os autores criticam que há Ganenses que não valorizam tanto sua cultura e sim mais as estrangeiras trazidas desde a época da colonização, inclusive deturpando os ensinamentos ancestrais.

- **Nyame Dua:** Proteção e espiritual e existência perpétua. Os autores consideram que simbolicamente, a crença nessa proteção existência perpétua fornece coragem e resiliência diante das adversidades. O fato de representar também a crença num Deus maior e a possível reunião com seus ancestrais mostra que não foi o cristianismo o primeiro a trazer essa ideia. Para demonstrar essa veneração, os Akans usavam plantar essa árvore que de fato existe em frente à casa ou nos pátios internos colocando ao lado uma cabaça com água e folhas para realizarem rituais de purificação. Nessa hora eram realizadas orações. Os autores lamentam a diminuição dessa prática espiritual que hoje é taxada equivocadamente pelos cristãos como idolatria.

- **Duafe:** Não é apenas o reconhecimento da beleza e qualidades da mulher. O pente de madeira ainda é usado para realizar os numerosos penteados africanos. Mulheres adultas, e particularmente a Rainha Mãe usam um penteado especial, o *Dansinkran*, demonstrando tendo participado de ritos de iniciação da mulher. Os autores lamentam que estas práticas estão se perdendo, ao ponto de muitas ganenses preferirem usar cremes clareadoras da pele, e não mais a proteção da manteiga de karité, provocando doenças da pele. Advogam pelo significado profundo do Duafe como apreço pela beleza natural de cada uma e pela sua herança cultural.



Trouxemos nesse artigo alguns elementos de resposta para nossos dois propósitos:

1) Os adinkra fazem sim parte do conceito ampliado de oralidade pois encontramos neles um legado imenso da Ancestralidade, que nos provoca não somente em termos estéticos, mas também ético-filosóficos, interpelando nosso modo de ser, estar e agir, pois um símbolo adinkra no traz mais do que uma mensagem histórica, uma conexão com nosso Ser Espiritual que habita o Corpo Memória, Corpo Comunidade, Corpo Dança.

2) As riquezas e possibilidades de um adinkra nos lembram que na Costa de Ouro, como era chamada essa região, não se encontra apenas o metal precioso e sim a preciosidade das artes, ciências, sabedorias que reconhecemos sem saber por quê e que podem perfeitamente dialogar com a escola, inclusive nesse currículo ainda não muito dinâmico que possuímos. Depende da nossa capacidade de estudo das mensagens embutidas nos mais variados legados que recebemos e a nossa recriação e ressignificação constante do que aprendemos com as nossas e os nossos... Não nos faltam ideias e caminhos... a circularidade entre nós é total e pode ser nutrida por uma árvore simbólica, “ um lugar convivial de trocas, escutas e partilhas recíprocas, aberto (...) às mulheres e aos homens...” (Hamey-Warou, 2014, pp. 67/68, tradução nossa do francês).

Vamos plantar Nyame Dua! Viva os adinkras e que venham mais parangadinkras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Norval Batista. *Consciência corporal e ancestralidade africana: conceitos sociopoéticos produzidos por pessoas de santo*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3236> . Acesso em: 25 de jan. 2020.

ELUARD, Max. *Documentário: Hélio Oiticica. Exposição "Museu é o Mundo"*. Duração: 31min27seg. Itinerante Filmes: Rio de Janeiro, 2010.

GAMA, Marta. *O Parangolé da arte na formação do jurista*. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa;

SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (orgs). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014, pp. 81-102.

HAMEY-WAROU Fatimata e LERAY, Christian. *L'arbre à Palabres et à Récits - De l'Afrique au Brésil en passant par la Bretagne*. Paris: L'Harmattan, 2014.

KUWORNO-ADJATTOR J. E. T*, APPIAH George e NARTEY Melvin: *Akan: The philosophy behind some Adinkra symbols and their communicative values*; Kwame Nkrumah University of Science and Technology, Kumasi, Ghana. In: *Revista Academic Journals*, vol. 7 (3) p. 22-33. Abril de 2016. Disponível em: <https://academicjournals.org/journal/PPR/article-full-text-pdf/A5A4C6E58407>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.



LARKIN NASCIMENTO, Elisa e GÁ Luiz Carlos (orgs): Adinkra: Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LINO VIDEIRA, Piedade; FERREIRA VIEIRA, Enilton; VASCONCELOS, José Geraldo. Arte, Transformação Política e Crítica Sociorracial: Na Produção Visual de Mirtho Linguet, Natural de Cayenne-Guyane Francaise. In: Revista da ABPN, vol. 11, Ed. Especial, p. 155-173. Outubro de 2019. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/797>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades*. Fortaleza: Imprece, 2019.

OLIVEIRA da SILVA, Cláudia. *Construindo o pertencimento afroquilombola através das contribuições da pretagogia no quilombo de Serra do Juá – Caucaia/CE*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20842/1/2016_dis_cosilva.pdf. Acesso em: 25 jan. 2020.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. *Educação e Militância Decolonial*. Rio de Janeiro: Ed. Selo Novo, 2018.

REGIS, Sália Augusta Oliveira. *Pretagogizando a contação de histórias africanas e afro-brasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. 125f.

SILVA, Geranilde Costa e. *Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as*. Fortaleza: Imprece, 2019.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. *Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. 206 f.

Recebido 30/11/2019

Aprovado em: 30/01/2020